

# Germinal



N.º 3 — ANO I

20 de Janeiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se nos dias 1, 10 e 20 de cada mês

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: serie de 12 numeros, 12 cts. (120 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca 51, 3.º — LISBOA

Aos periodicos que noticiaram o seu aparecimento, e especialmente aos que em dobrado obsequio o fizeram com palavras de louvor e afecto, o **Germinal** envia os seus agradecimentos.

## Enquanto é tempo

A vida publica em Portugal está reduzida á agitação da politica partidaria, a qual chegou a tal grau nos espiritos, pelo menos, que até os acontecimentos da guerra europeia, empalidecem perante ela. Por mais que queiramos desviar a nossa atenção do que dizem os partidarios das varias facções, nos órgãos respectivos e nas conversações que, por toda a parte, se travam, não ha maneira de tal se conseguir com eficacia, para outras preocupações, mais dignas de que com elas se gaste tempo.

As razões deste facto toda a gente as conhece, porque muitas vezes teem sido apregoadas: falta de educação civica, falta de instrução, propaganda de pura demolição entre o povo, más condições economicas do país, etc. Mas se ninguem reagir contra a corrente, vamos todos nela, quer dizer, sofremos-lhe todos as perniciosas consequências; e quando quizermos salvar-nos, será já tarde. E' preciso reagir e é ao operariado organizado que esse papel principalmente compete.

Não basta prégar a verdade, de que nada se deve querer com politicos. Ouve-se a prégação, concorda-se e aplaude-se e depois... vae-se continuar na mesma agitação, discutindo os meritos ou demeritos dos chefes, dos partidos e dos grupos, envolvendo-se na esteril agitação de apoiar sistematicamente uns e combater não menos sistematicamente outros, apoiando injustiças de amigos e negando valor ás boas ações dos adversarios.

O operariado organizado deve intervir salutarmente neste estado de coisas, pré-gando sim, mas ainda mais organisando e actuando directamente.

Ha nas questões politicas, assuntos que interessam ao proletariado e que pelos politicos são deturpados e estragados.

Pois o operariado que tome conta deles, tratando-os sob o seu verdadeiro aspecto, estabelecendo correntes contrarias ás dos politicos.

Neste momento existe um grande problema a resolver e que nem sequer está posto: é o da carestia da vida, resultante da guerra e doutrinas causas, pois que as deve haver. O problema agrava-se de dia para dia; e os governantes deixam-no ir assim, providenciando como de costume, o que dará em resultado não se poder já nada tentar, quando a crise fizer chorar e bramir os que lhe sofrerem os efeitos.

Ainda não é tarde demais, parece-nos, para se procurar atenuar os efeitos futuros da crise; mas é preciso não perder tempo. Que as organizações operarias entrem em ação, tratando a valer da questão da carestia da vida, procurando remediar o mal que está feito e impedir o que se pretenda fazer.

Depois será tarde, e não haverá moções de protesto nem indignações, nem sequer agitações que operem o milagre de não ser o povo explorado pelos gananciosos de toda a especie.

## Em maré de franqueza

Declara um jornal do regimen:

«Esta carestia de tudo o que é necessario á vida, este desequilibrio economico que *sufoca* toda a familia portuguesa, já vem de longe, não é do momento, é, infelizmente, a obra da Republica».

Como é preciosa a declaração, aqui se regista.

## Os anarquistas e a guerra europeia

Vou referir-me ao artigo de Malatesta: *Anarquistas que olvidam sus principios* «publicado na *Tierra y Libertad* de 30 de dezembro ultimo, (\*) apenas nas passagens que me parecem fundamentaes para a questão.

Malatesta — e os camaradas que falam como ele — faz argumentação no espaço, se assim me posso experimentar; raciocina por dedução, o que me espanta num homem da sua cultura, o que o conduz, naturalmente, ao erro de todos os deductivos, dos metafisicos: subordinam os fenomenos á fórmula. Por isso sucede com ele, o que succede com os deductivos inteligentes: é parecerem facilmente que teem razão e facilmente convencerem muita gente, a qual ainda é mais numerosa, se á inteligencia se junta, como neste caso, uma grande sinceridade.

Mas tudo isto não quer dizer que não se possa errar e é o que creio succede agora; Malatesta engana-se.

Mas vamos á análise do artigo; diz Malatesta:

«Se dice que la presente situación demuestra claramente la bancarrota de nuestras fórmulas — y nuestros principios — y que será necesario renovarlos. De un modo general una fórmula debe ser revisada, siempre que al entrar en contacto con los hechos demuestre insuficiencia para resolverlos, lo que no es en el caso presente, teniendo en cuenta que la incapacidad

que ahora puede alegar-se no deriva de la incapacidad de nuestras fórmulas, pero sí de que han sido olvidadas y traicionadas.»

Está bem, menos o *traicionadas*; mas quem fala em bancarrota de *fórmulas e principios*? Se ha anarquistas que assim se exprimerem, cometem, na minha opinião, grave erro e tem toda a razão Malatesta nas palavras transcriptas.

As doutrinas, os principios e até a orientação *geral*, não falharam e não carecem portanto de revisão. O que creio que precisará modificar-se, é a tática, a orientação de detalhe na propaganda e na organização de forças contra a sociedade burgueza. Estas é que não deram o resultado que dellas se esperava.

Continuando:

«Admito portanto, que hay guerras necesarias, guerras santas, las guerras de liberación, como lo son en general las "guerras civiles", esto es, las revoluciones. Mas *esta guerra* tiene algo de común con la emancipación humana, y por lo tanto con nuestra causa?»

Isto quer dizer, ou eu já não sei ler, que Malatesta entende que esta guerra nada tem de comum com a causa da emancipação humana. Seria interessante que Malatesta *demonstrasse* que assim é; mas essa demonstração não se fez.

Malatesta, com as palavras transcriptas, comete o erro fundamental da sua orientação. E' claro que elle, uma vez admitida a sua maneira de ver, facilmente deduz com logica, a respectiva maneira de proceder. Mas isso acontece com todos os deductivos, como por exemplo, os teologos. Uma vez admitido o principio que elles põem, o resto é facil. Ora é precisamente o ponto de partida que é preciso demonstrar. Depois de dizer que sempre os anarquistas combateram o patriotismo e de se mostrar admirado

(\*) Depois de escrito este artigo, li no ultimo numero da *Aurora*, que o artigo de Malatesta fora publicado em 22 de novembro, neste jornal.

Não sei explicar como su edeu não ter lido o artigo na *Aurora*, pois adquirira o jornal, visto encontra-lo nos meus papeis. Talvez por ser artigo de importancia o tivesse reservado para o ler com mais socego do que na ocasião em que comprei o jornal e depois, por qualquer motivo, me tivesse passado a ideia de o ler, e esquecesse portanto a sua publicação. Outra explicação não sei dar do facto, do qual, se é peccado grave, aqui faço penitencia...

que revolucionários se associem a governos, exatamente quando a guerra vinha dar razão áqueles, diz:

«Es posible que los actuales acontecimientos demuestren que los sentimientos nacionalistas están más vivos, y los de confraternidad internacional menos arraigados de lo que pensábamos, mas eso debiera ser una razón para intensificar y no abandonar nuestra propaganda antipatriótica. Estos acontecimientos muestran también que em Francia, por ejemplo, el sentimiento religioso es más fuerte, y que el jesuitismo tiene mayor influencia de lo que suponíamos. ¿Es esto una razón para que nos convirtamos al catolicismo romano?»

Mas quem fala em *conversação*?

Quem prega que nos convertamos ás ideias burguezas?

A que vem esta comparação com o catolicismo, quando a linguagem daquelles com quem Malatesta está em desacordo, de modo nenhum a justifica? Pois não são todos a dizer exactamente o contrario, isto é, que a sua atitude não significa acordo com as ideias burguezas, que todos se mostram dispostos a combater desde que um perigo, que elles consideram maior, desapareça?

Porque não disse elle tambem que se tinha pactuado com os catolicos, visto que tem havido, como por exemplo na C. G. T. trabalhos em comum com elles?

Mas logo a seguir Malatesta diz-nos:

«Comprendo que pueden surgir circunstancias que hagan necesaria la colaboración de todos para el bien general. Por ejemplo: una epidemia, un terremoto, una invasión de bárbaros, que maten y destruyan todo lo que encuentren.»

Mas é o caso da invasão de barbaros, que matam e destroem tudo que encontram!

Simplesmente, Malatesta não considera a invasão alemã, segundo parece, uma invasão dos barbaros a que alude, e os outros consideram-na assim e fazem o que Malatesta faria se a considerasse da mesma forma. O que então havia a fazer, antes de censurar, era demonstrar que não se trata duma invasão de barbaros.

Para reforçar a sua opinião, diz depois:

«Si cuando los soldados extranjeros invaden el suelo sagrado de la patria, las clases privilegiadas renunciasen a sus privilegios y procediesen de modo que la "Patria" se tornase realmente propiedad común de todos los habitantes. sería entonces justo cobatiesen todos contra el invasor»

Mas como ninguem quer largar os seus privilegios,

«entonces los trabajadores, socialistas y anarquistas, deben dejarlos que arreglen y aprovechar la oportunidad para librar-se de sus opresores del interior así como de los que vengam del exterior.»

Argumentação no espaço...

Aproveitar a oportunidade!

Mas é a peor oportunidade, a que se apresenta nestas circunstancias! Pois se os revolucionarios fossem capazes de, nestas condições, se livrarem dos inimigos de dentro e de fora, com muita mais facilidade

de se poderiam livrar dos de dentro, fazer a revolução, antes, sem os multiples entraves que embaraçariam a sua acção em tempo de guerra.

Mas como aquilo não se pode fazer, Malatesta diz que os revolucionarios devem negar todo o auxilio voluntario á causa do inimigo e afastarem-se para salvarem os principios, porque isso significa salvar o futuro.

Isto é a dedução do facto de Malatesta não considerar a invasão alemã, coisa que mereça a tal colaboração, tanto mais que depois, diz valerem tanto os alemães como os outros, todos exploradores e despotas, não valendo o triumpho dos aliados grande coisa, visto que contem perigos para o futuro, como os contem o triumpho dos alemães.

Sobre o resultado da guerra conclue:

«Así, pues, a mi manera de ver, lo más probable es que no habrá victoria definitiva de ningún lado. Después de una larga guerra, una enorme pérdida de vidas y riquezas, exhaustas ambas partes, pactarán una paz cualquiera, dejando las cuestiones abiertas, preparando así una nueva guerra más mortífera que la actual.»

Os acontecimentos nos dirão se o conflito se terminará como no-lo diz Malatesta; agora parece-me cedo para previsões; ha-de succeder ainda tanta coisa!

Mas diz-nos a seguir:

«La única esperanza es la revolución; y como entiendo que de la Alemania vencida, teniendo en cuenta el actual estado de cosas, sería probable estallara la revolución, por esta razón — únicamente por esta — deseo la derrota de Alemania.»

D'accordo! Mas então sempre parece haver nesta guerra alguma coisa de comum com a emancipação humana! Mas se Malatesta deseja a derrota dos alemães, porque se insurge contra os que, desejando o mesmo que ele, colaboram para essa derrota, conforme o seu temperamento, as circunstancias em que se encontram, as ideias que teem sobre a significação politica e social da guerra, os sentimentos de revolta e as ideias de defeza provocadas pela invasão dos que «matam e destroem tudo que encontram»?

Para mim, que sou um partidario da teoria das *ideias-forças* de Fouillé, o desejo de Malatesta é um começo de colaboração com as forças dos aliados, que se torna num verdadeiro acto, pela sua publicação, que é importante atendendo ao valor da pessoa que formula o desejo.

Outras sentiram, por varias razões, desejo ou necessidade de colaboração mais estreita; é tudo uma questão de grau de expressão do mesmo desejo, do mesmo fim a atingir. E' verdade que Malatesta explica-se a proposito do seu desejo noutro artigo.

Mas fiquemos por aqui, que isto já vai longo demais.

(Continua)

Emilio Costa.

Primeiras letras

## Que é a lei de bronze?

Expressão lançada com rara felicidade e que repercutiu na Alemanha, tanto como em França o dito de Proudhon «a propriedade é um roubo», foi applicada a uma teoria exposta em 1863 por Lasalle na sua celebre *Carta Aberta*, e que pode sintetizar-se do seguinte modo:

Sob o regimen economico da oferta e da procura, o salario medio do trabalhador é reduzido á soma strictamente necessaria para lhe assegurar a existencia. Acima ou abaixo deste minimo, não pôde ter muita permanencia. No primeiro caso, porque o aumento prolongado dos salarios, determinando um aumento de bem estar, não só elevaria o numero dos casamentos proletarios, como os anticiparia ao normal; e assim a classe operaria aumentaria em numero, haveria cada vez maior oferta de braços e os salarios diminuiriam. No segundo caso, porque a baixa extrema dos salarios determinaria a emigração, a miseria, a diminuição da natalidade; e daí falta de braços, e portanto aumento de preço da mão de obra.

Quere dizer: salvo ligeiras oscillações para mais ou para menos, os salarios mantem-se estacionarios no valor minimo da subsistencia indispensavel ao trabalhador: e isto é uma lei geral, lei ineluctavel, lei de bronze.

A esta doutrina, no fim de contas igual á teoria do salario de Ricardo, Smith, Turgot, etc., — em todo o genero de trabalho deve acontecer, e acontece na realidade, que o salario do operario não excede o que lhe é necessario para sua subsistencia — opõem-se varios economistas, que, apegados a Malthus, clamam que longe, de ser o bem estar, é a miseria que torna o trabalhador mais prolifico, e bem-assim os socialistas marxistas que pretendem que «o exercito de reserva industrial (dos operarios sem trabalho)» permite ao capital fazer descer os salarios e mante-los abaixo do referido minimo.

A «lei de bronze», defendida por Guesde, com desagrado de Lafargue, e da qual Vandervelde havia de escrever que é uma *daquelas verdades rançosas de que fala Ibsen, em caminho de se tornar uma contra-verdade*, foi abandonada depois do congresso de Halle (1890) pelo partido socialista alemão (marxistas e lassalianos unidos desde o congresso de Gotha, em 1875).

Entre nós, porém, ainda em Julho de 1904, Azedo Gnecco, de ferula erguida para o sr. Fernandes Alves, ditava ao *Primeiro de Maio*, de Lisboa:

«A lei de bronze existe, infe-

lizmente, e embora a *burguesia altruista* a negue com a tenacidade dos teimosos, todos os sociologos de valor, tanto do partido burguez, como do partido proletario, reconhecem a sua existencia.»

Para Paul Louis tambem a *lei de bronze* subsiste. Significa que num momento dado da historia, o patronato procura sempre lutar para reduzir ao minimo a retribuição do trabalhador. E' um aspecto particular da lei da oferta e da procura. Pertence ao sindicalismo atenuar-lhe os efeitos, agrupar as «ofertas» de trabalho para melhor impor, na «procura», condições humanas, sem receio de reformismo, pois que é inevitavel a hora em que a acção sindical esbarre nos fundamentos do sistema capitalista, na resistencia suprema da classe possuidora, em que as colectividades operarias vejam que os quadros do regimen deteem a sua evolução e reconheçam a necessidade da transformação integral.

Abc.

P. S. — A pessoa que colige os dizeres desta secção, julga conveniente declarar que não obedece a qualquer ordem preconcebida. Os assuntos succeder-se-hão ao acaso, só uma ou outra vez ao sabor dos acontecimentos.

## O parlamento agora... e sempre

Como os senhores do governo lhe tomassem as redeas — assim se dizia noutros tempos — para fazerem as eleições, alem do mais, o órgão central socialista obtemperou:

«Nos países que estão em guerra, a acção parlamentar paralisou. Os parlamentares só reúnem quando os altos interesses do Estado o aconselham. Fora disso, ha mais importantes assuntos a tratar do que o cultivo da verbosidade.»

Não está de todo mal o reparo, não, senhor. Mas sendo assim, o anti-parlamentarismo deve ter-se por coisa diversa do que lá pelo partido se inculca. Ou não?

## Uma oferta valiosa

E' com grande prazer que registamos a oferta feita ao *Germinal* por um grupo de operarios do Arsenal do Exército. Alguns amigos das ideias que o nosso jornal defende, sabendo que são sempre grandes as dificuldades com que lutam as publicações como a nossa, decidiram cotisar-se e enviarem-nos com que mobilassemos a redação. E assim recebemos 18 boas cadeiras, uma secretaria e um lavatorio, o que constituiu, como reconhecerão os que em lides de jornais se teem metido, uma prova de solidariedade de alto valor que se não pode esquecer. Um grande obrigado, pois, pela oferta e pela manifestação de solidariedade que ella traduz, a qual nos vem animar mais ainda para a lucta.

## CANCIONEIRO

## PASSADO

Meu passado foi como a noite escura  
—Noite sem luar, sem constelações,  
Dessas que fende ao nauta a sepultura  
Do vasto mar nas vesgas solidões!

Foi um espaço imenso! E a sorte dura  
Jámais me fez sentir as vibrações  
Da limpida alegria e da ventura  
Que engrandece os mais baixos corações.

Visitou-me no berço um mau destino;  
Errei pois sempre — triste peregrino,  
Ao sabor das paixões, dos vendavais!

Foi um espaço imenso! Trinta anos  
D'angustias bem crueis e desenganos:  
—Umá epopeia de lagrimas e ais!

Xavier de Paiva.

## Dicionário subversivo

## A

**ABDICACÃO** — Renuncia pela qual costumam escapar os monarcas ao furor popular.

**ABJURAR** — Virar a casaca. *Abjuração* é as mais das vezes um "sacrifício" a que se entregam os que estando em "má" posição, querem obter uma posição "boa".

**ABNEGACÃO** — É uma qualidade de que os políticos fazem alarde. Tudo é abnegação em política: este não deixa a pasta de ministro só por sacrificar a vida nas aras da pátria; aquele aceita o diploma de deputado só por servir o povo; aquél'outro vai para um rendoso lugar só por assim o exigirem os superiores interesses do país, etc.

**ABSOLUTISMO** — Estado de governo. Póde compreender tanto os que se julgam possuidores de uma soberania de direito divino, como os que receberam delegação da soberania popular. Parece que na Europa um é mais florescente na Rússia e o outro ameaça dominar em Portugal.

**ABSTENÇÃO ELEITORAL** — Se a política é a grande porca que se diz, entre os deveres do cidadão... limpo está incluída a renúncia ao sufrágio, que nesta expressão se traduz.

**ABUSO** — Vício inerente a todos os usos, a todas as leis, a todas as instituições humanas. O catalogo dos abusos não podia conter-se em nenhuma biblioteca. Os abusos governam os Estados (Voltaire).

**ACÇÃO DIRECTA** — O procedimento que nos inspiram estas palavras do socialista belga Vandervelde: — "não se obtem reformas sérias por interpostas pessoas".

**ACÇÃO MAXILAR** — Tactica de certos combatentes. Sempre que algum militante apareça senão sob aza protectora do patronato ou do governo, quando menos em atitude duvidosa, pode dizer-se que esse procede segundo os dictamos da *acção maxilar*.

(Continua)

Nor.

## Na ponta das espadas

Assim, e não sem arreganho, nos receberam os nossos amigos e camaradas da *Aurora*. Porquê? Pela preocupação doentia de que viemos á imprensa para combatê-los? O tempo o dirá.

Uma das coisas com que elles implicaram, foi a zargunchada que tivemos o atrevimento de dar naquela sábia casta germanica — tão sábia, como boa — que declarou ter por agente o militarismo prussiano. Para a *Aurora*, a «kultur» é um sol sem manchas, diante do qual todos nós devemos prostrar-nos em adoração, não sabemos se por força do metodo anarquista, que ela tanto se empenha por manter integro. Adiante.

Não tendo nós dito que as canções cuja amostra demos, se encontravam em manual alemão, á *Aurora*, pois que a coisa lhe doera, apenas cabia demonstrar que nem aquelas canções, nem outras com letra igual ou semelhante ou com o mesmo ou identico espirito, foram algum dia ensinadas ou difundidas na Alemanha. Porque não o fez? E' claro que a nós se nos afigura impossivel fazê-lo, porque a Alemanha é aquele país onde, ha muito e sem refulhos, se recomenda aos soldados que teem o dever de disparar mesmo sobre seus pais e seus irmãos, — porque lá diz Hervé: — «Seria ocioso coleccionar as canções patrióticas que as crianças inglesas, alemãs, e italianas aprendem na escola, na rua ou em casa; no entanto aqui vão algumas amostras de canções patrióticas alemãs que...»; — porque a propria *Aurora* se exprime dest'arte: «—reune aquelas canções alemãs, traduzindo-as». Afigura-se-nos a nós impossivel a demonstração. Mas o mesmo não se dá, por certo, com quem, como a *Aurora*, mostra mais simpatias pelos intelectuais da burguesia alemã, do que pelos seus camaradas francezes. Faça-o então, que tudo o mais é farelorio.

## O PANGERMANISMO

Jacques de Coussange, na *Revue* de 1 de Outubro de 1912, dá conta da existencia de um manual intitulado *Catecismo pangermanista*, e mais da flor de brutalidade que o perfuma. Vá esta pequena amostra:

«—O desenvolvimento das colonias não será uma coisa boa para os indigenas?

«—Conforme. No entanto, não devemos cair em julgar que o fim principal tenha sido levar a nossa cultura aos indigenas. Nós fundámos as colonias para nossa propria utilidade e é para proveito nosso que empregamos os indigenas segundo as suas capacidades... Cada raça deve ser tratada pelo que ela é.»

«—Esse combate (dos polacos) pela independencia nacional não é, dalguma maneira, digno de admiração?

«—É. Reconnhecemo-lo francamente. Mas não podemos ser tão idiotas que os auxiliemos nos seus esforços, porque elles são inconciliaveis com as condições de vida do povo alemão... A justiça para com a Polonia seria injustiça para com o imperio e o povo alemão. Um deve ser o martelo, a outra a bigorna.»

## A PROPOSITO DA GUERRA

## A falencia do socialismo — Guerra capitalista?

As reproduções nesta secção, despidas de comentarios ou pouco menos, não importam acordo ou desacordo nosso com o contexto; significam tão sómente que nós não queremos que aos nossos leitores falem esses elementos na apreciação dos acontecimentos.

Posto isto, vejamos como continua Charles Albert:

Socialistas, revolucionarios prontos a sofrer e a morrer pela sua causa, nunca faltaram, creio eu, na Europa. Até na Alemanha os tem havido.

Mas se acabaram, na verdade, por se cansar e quasi por perder a coragem, é porque de ha muito encontraram na estrada heroica um obstaculo: a Alemanha, a Alemanha anti-democrata, a Alemanha anti-revolucionaria.

E se de certo tempo para cá todos os apelos ao ideal morriam no silencio, não é, no fundo, porque todo o mundo sentia passar sobre a Europa a ameaça alemã?

Que se podia então fazer?

Não ha fatalidade, diz Romain Rolland.

Sim, ha por vezes fatalidade. Sim, acontece ás vezes que a necessidade das coisas pesa tão fortemente sobre a vontade dos homens, que esta mal pode mover-se.

E' fatalidade a formação historica da Alemanha, que a entregava indefesa ao seu militarismo, quando as outras nações começavam a soltar-se do horrivel amplexo. E' fatalidade esse prodigioso aumento de poder economico, que faziade cada burguez alemão escravo do seu livro caixa, e de cada operario alemão o aproveitador egoista dos seus bonus de cooperativa ou do seu coíre sindical. E' fatalidade o conjunto de fenomenos sociais, que acabara por instalar nesse país, o mais

Mancha da «Kultur» isto? Talvez não seja. Mas anda bem perto.

## NOTAS LIGEIRAS

Se, como se afirma, a ameaça da invasão alemã paralisava todos os movimentos avançados na França, na Belgica e na Suissa, porque será que em certos meios avançados se é tão pressuroso... na defesa dos esteios dos invasores?

«Todo o ataque á liberdade, toda a opressão a um povo, é um ataque a todos nós, os que pela liberdade trabalhamos». — Foram publicadas agora estas palavras, e parecem de ha 50 anos, do tempo em que o *je m'en fichisme* não se estadeava sob diversas carapaças.

Se os anarquistas devem combater todo o imperialismo, e portanto o imperialismo alemão, mesmo a tiro, travar esse combate ao lado de um exercito regular, em corpo de franco-atiradores, em guerrilhas ou doutra forma, deve ser para elles uma simples questão de grau.

Neutralidade! neutralidade! Mas isso não é o contrario de solidariedade?

Ha operarios que dizem: — Nós não temos nada com esta guerra: é uma guerra *capitalista!* E Cornélissen exclama: — Como! Então não vêdes que é toda a civilização democratica da Europa occidental que está em jogo, tudo o que temos ganho contra o regimen do absolutismo pelo progresso de longos anos?

Qualquer.

espeço materialismo de costumes e de sentimentos, que um povo tenha conhecido.

De um artigo de Christian Cornélissen:

Não venham contar-nos que foram os capitalistas alemães quem desejou a declaração de guerra.

Informações particulares que recebi dos meios comerciais e industriais de Berlim dizem outra coisa e coisas mais compreensíveis.

Parece que os industriais e comerciantes em questão afirmam: — «Nós tínhamos muito que fazer, de dia e de noite, para nos ocuparmos da «politica»; deixámo-la ao imperador e aos liberais. Não fomos nós que pedimos esta guerra ruinosa».

Ahi está. A luta da Alemanha pel-supremacia na Europa é principalmente uma luta de raças e de regimen governamental. E se nessa luta os interesses da alta finança alemã estão igualmente em jogo; se as necessidades da expansão economica e a politica colonial se teem feito valer na perspectiva de uma extensão provavel do territorio alemão, andariamos mal, primeiro, em julgar que estas perspectivas valem os sacrificios *no ponto de vista capitalista*, e depois, em tornar os capitalistas os unicos responsaveis da luta. Nas massas operarias dos grandes sindicatos alemães, os espiritos são tão imperialistas como nos meios dirigentes, e se se derem a ler, por exemplo, no livro do social-democrata Eduardo Bernstein — *socialismo tecnico e socialismo pratico*, as paginas que tratam da necessidade da politica colonial do imperio alemão, compreenderão que não podem desenvolver-se de todos os complexos problemas da guerra, com algumas palavras contra «os capitalistas».

## A minha carteira

### Recordação

A 12 de janeiro de 1882 expirou no Hospital de S. José, em Lisboa, o poeta-operário Xavier de Paiva, natural de Lagos. Tinha 34 anos. Esboçando-lhe a biografia na revista — *Encyclopedia Republicana*, de que ele fôra fundador, escrevia Reis Damaso: — «As privações e desconforto de toda a sorte agravaram os seus sofrimentos físicos; mas ainda assim o grande democrata pugnava pelos direitos do proletariado onde saíra, sem pensar em só momento de que ele mesmo era o maior desgraçado. Era esse belo e generoso sentimento do bem e da justiça universal, que o animava na composição das suas estrofes demolidoras, cheias de entusiasmo e convicção.» Depois, lembrando a reimpressão em volume de algumas das suas mais belas produções, dizia ainda: — «Se éle foi o cantor das aflições e miserias do proletariado, se éle com os seus versos pôde entusiasmar e consolar os que se esgotam e definham no trabalho durante o dia e a noite, à luz do sol e à luz das lampadas, se éle combateu energeticamente o abuso e o erro, é bom que essa classe por quem éle tanto se interessou, nunca o possa esquecer, o que não é crível possuindo um livro desses gritos, desses ais, desses gemidos, que o poeta soltava clamando pelo direito e pela justiça, tomado de angústia, de dôr e de colera».

### Definições de Economia

Uma amostra:

A *economia política* ou *social* é a sciencia dos interesses sociais. Ocupa-se da formação, da distribuição e do consumo das riquezas (J. B. Say). E', noutros termos, o conjunto das leis que regem a sociedade e regulam os interesses no ponto de vista moral e material. Fundada na experiencia, cujos resultados se tornam verdades e principios, o seu fim é tornar o bem-estar (*aisance*) tão geral como possível (Déroz).

Assim como se dá o nome de «economia domestica» á administração de uma fortuna privada, chama-se *economia política* á administração da fortuna nacional. Ela propõe-se a felicidade dos homens vivendo em sociedade, e indica ao mesmo tempo os meios que tendem a esse fim (Sismondí). A *economia política* trata da riqueza das nações: investiga as causas que fazem uma nação mais rica e mais prospera do que outra. O seu fim é ensinar o que convem fazer para diminuir quanto possível o numero dos pobres e dar a cada um a possibilidade de, em regra, ser pago do seu trabalho (Jevons).

*Economia política* é a sciencia dos esforços para satisfazer as necessidades (Bearn). E' a teoria da ordem social das riquezas estudada na sua essencia, nas suas causas, nas suas leis racionais e nas suas relações com a prosperidade publica (Cossa). Pode definir-se assim: — E' o estudo das necessidades da humanidade e dos meios de as satis-

fazer com a menor perda possível das forças humanas. O seu verdadeiro nome seria — fisiologia da sociedade (Kropotkine).

*Economia social* é a sciencia que estuda os factos sociais relativos ao sustento e reparação das sociedades humanas, formulando as leis que regem, ou devem reger, a preparação, a circulação e o emprego das utilidades a isso destinadas (Afonso Costa). A *economia política* é mais alguma cousa do que a sciencia das leis que regulam a produção, distribuição e consumo; pode dizer-se que é a fisiologia da sociedade, e que em seu vasto horizonte abrange inteiro o sistema social (Oliveira Marreca).

### Invenções modernas

As dez invenções mais notáveis dos tempos modernos são, segundo diz a *Scientific American*: a lampada electrica de incandescencia, a transmissão e a transformação da corrente alternativa, o fabrico de compostos azotados para a agricultura, as modificações recentes dos motores de combustão interna, os aeroplanos, o aparelho para a produção dos raios X, o processo de redução das ilustrações, o *film* fotografico flexivel, o forno electrico e a telegrafia sem fios.

### Escrever ou borrar

Palavras de João de Deus:

«A primeira obrigação do jornalista é ser filósofo: é escrever filosoficamente; é ver dois palmos adiante do nariz; olhar para o futuro e não se contentar com o presente; levar a candeia adiante, que a candeia que vai adiante é que alumia duas vezes, e em lugar de estudar e defender o que é, buscar e ensinar o que ha de ser. Assim, pois, a filosofia nunca é de mais; o que pôde é ser de menos, e quem não escreve filosoficamente, escrevinha; não rabisca — borra».

### Um magico.

### Um facto

Escrevemos no n.º 2: — «Se a bomba se tornou em Portugal como que uma instituição revolucionaria, é uma instituição republicana, burguesa e não anarquista».

Mal diríamos nós que dias depois a explosão numa casa do Bairro Andrade, junta á maneira por que a imprensa diaria e a policia dela se ocuparam, viria trazer como que a confirmação das nossas palavras.

### Prevenção

Desde o dia 11—o do *ultimatum* esquecido pelos patriotas,— em tudo o que se prenda com a *nossa situação ante o conflito internacional*, os jornais de Lisboa só tem publicado e publicarão o que julgaram e forem julgando conveniente do pouco que o governo lhes mandou ou mandar dizer. Em miudos: da sorte das expedições africanas nada de verdade se saberá tão cedo.

## FINS A ATINGIR

Num artigo assim intitulado, o *Arsenalista*, de Lisboa (27 de Dezembro), afirma que o programa que a evolução natural das cousas indica á classe operária, é o mesmo que tem levado outras classes a serem o arbitro das relações sociais: — Crear dentro do seu proprio seio, o meio novo, a sociedade nova, as novas instituições por intermedio das quais, a produção se faça pela simples intervenção autonoma dos produtores, assim como a distribuição, assim como o consumo dos produtos. E acrescenta:

«Para o conseguir, como trabalho preparatorio indispensavel, necessario se torna que nas associações, nas federações operárias, se crie a élite que nada ignore a respeito do trabalho e do funcionamento proprio da sua industria, e que procure para os seus membros uma educação profissional cada vez mais exigente e mais completa».

Talvez isto desagrade a alguns orientadores do operariado, mas esse desagrado não conseguirá, pela certa, aniquilar... o imperio das circunstancias.

## “Germinal”

*Para melhor satisfazer ás necessidades da propaganda e tornar mais eficaz a sua acção, o grupo editor deste jornal — animado por muitas simpatias recebidas e confiado em que os amigos e camaradas não deixarão de aplaudir os seus esforços e de lhe prestar todo o auxilio — resolveu alterar o modo de publicação em que assentara.*

*Daqui em diante, o Germinal publicar-se-ha todas as semanas, sendo por isso o proximo numero no domingo, 31 do corrente.*

*Claro é que esta alteração importa um pequeno aumento no preço da assinatura, mas os nossos assinantes, com certeza não se excusam a suportá-lo, dado que o periodico, acompanhando mais de perto a actualidade, terá leitura interessante.*

### Obra legifera

Ha dias, o Senado deu por prontas as leis de fixação em 10 horas, o trabalho diario no commercio e na industria.

O facto, segundo se contou em letra redonda, foi muito festejado pelos caixeiros. Dos operarios, como não teem o jubilo facil, nada constou ás gazetas... ás gazetas quotidianas... Perdão! uma delas já noticiou que, visto a lei agora votada prejudicar alguns operarios, em vez de beneficiá-los, a Federação da Industria Mobiliaria acordou na maneira de agitar todas as classes trabalhadoras, por meio de reuniões e manifestos, afim de, em movimento ordeiro e pacifico, se conseguir o dia normal de 8 horas de trabalho.

## O cabeçalho do GERMINAL

Numerosos teem sido os elogios que temos ouvido fazer ao desenho do cabeçalho do nosso jornal. Embora vamos ferir a sua modestia, aqui temos o prazer de dizer que devemos esse desenho ao amigo José Basalisa, um pintor decorador, cheio de merecimento. Inspirou-se José Basalisa, para o seu desenho, na pagina do *Germinal* de Zola, que publicámos no nosso primeiro numero, em que o protagonista, Estevão, penetrado da esperanca na renovação da vida, «afrouxou o passo, os olhos perdidos á direita e á esquerda, naquela alacridade da estação nova. Pensava em si, sentia-se forte...»

Juntos são os elogios feitos ao trabalho de José Basalisa, a quem mais uma vez agradecemos a contribuição assim prestada para a vida do *Germinal*.

### A «Fraternidade»

Passou ontem, 19, o aniversario da fundação da *Fraternidade Operaria*, a organização que foi a alma do movimento operario de 1872 e cujas bases foram lançadas por Antero do Quental, José Fontana, Nobre França e Brito Monteiro. A *Fraternidade* desapareceu, segundo Luiz de Figueiredo, desmantelada pela pressa de algumas classes em quererem melhorar a sua situação economica,—segundo Azedo Gnecco, destruida pela obra dos elementos dissolventes, pela calunia em toda a sua torpeza, a intriga no seu maior descaro e a agressão pessoal levada ao requinte da maldade,—e, finalmente, segundo Ernesto da Silva, liquidada por centralista e puramente artificial. E o caso é que bem se pode dizer, como pretendia o outro: todos teem razão.

### “FIGURAS DA SOCIAL”

A falta de espaço obriga-nos a deixar para o proximo numero esta secção, que, por tratar de Luisa Michuél, cuja morte se deu a 9 de janeiro de 1905, já devia ter saído no n.º 2. O mesmo motivo nos traz retardada a publicação de outros escriptos, e entre êles uma tradução das *Cartas sobre as questões actuais*, de Kropotkine.

### VIDA ASSOCIATIVA

**A União Anarquista—** A comissão organizadora da União Anarquista Comunista da Região do Sul convida todos os camaradas de Lisboa e arredores, bem como as agrupações, para a reunião que se effectua na sua séde, Travessa da Agua Flôr, 55-1.º (Casa do Povo), em 21 do corrente, pelas 20 horas, a fim de se nomear a comissão administrativa da mesma União, e se tratar da fundação duma caixa de auxilio aos camaradas perseguidos.